



Leitura Orante do
Novo
Testamento **2**

Região Latino-americana Lassalista

CLAR
Seguir
a Jesús

LEGADOS LASSALISANOS



RELAL

Região Latinoamericana Lassalista

Leitura Orante do
Novo Testamento - II 2009

LEGADOS LASSALIANOS

Ter em conta:

As origens e as experiências de La Salle
Pensamento e Tradição
Reflexões e Compromissos Atuais

CLAR

Confederação Latino-americana de Religiosos

RELAL

Região Latino-americana Lassalista



Comunidade Animadora Regional:

Hno. Edgar Genuino Nicodem
Hno. Gustavo Ramírez Barba
Hno. Crísthian Díaz Meza

Dirección:

Hno. Edgar Genuino Nicodem
Consejero General para la RELAL

Coordinación:

Hno. Óscar Elizalde Prada

Colaboradores:

Hno. Edgard Henguemüle
Hno. Edwin Arteaga

Traducciones:

Hno. Fernando Granada
Hno. Mario Arnaldo Hillebrand
Hno. Joao Angelo Lando

Diseño y diagramación:

Omar Córdoba

Conteúdo

5 Apresentação

6 ENCONTRO 1:
TEMPOS NOVOS
Saber ler os sinais dos tempos

9 ENCONTRO 2:
ENSINAMENTO NOVO
Falar com autoridade

12 ENCONTRO 3:
NOVOS RELACIONAMENTOS
Viver e criar comunidades novas

15 ENCONTRO 4:
NOVA LEI
Praticar o novo mandamento do amor

17 ENCONTRO 5:
NOVO CULTO
Celebrar a vida

19 ENCONTRO 6:
NOVA MISSÃO / NOVA PROFECIA
Ser discípulos e missionários de Jesus

22 ENCONTRO 7:
NOVA LEITURA DA SAGRADA ESCRITURA

25 ENCONTRO 8:
NOVO DISCIPULADO

Apresentação

No Encontro Regional de Irmãos, realizado em Rionegro (Colômbia), em 11 e 12 de outubro de 2007, o fortalecimento da vida espiritual foi definido como a condição preferencial para a vida dos Irmãos. Esta prioridade responde ao desafio proposto pelo 44º Capítulo Geral, de vivenciar um processo de renovação espiritual que nos conduza a uma espiritualidade visível, digna de crédito e profética.

A Palavra de Deus é nossa primeira e principal regra de vida (R 6). O Capítulo Geral ressaltou a relação primordial da Leitura Orante da Palavra de Deus, e a situação de vida dos nossos povos. O encontro fecundo com a Palavra de Deus estudada, meditada, partilhada e celebrada, nos deve estimular a vivenciar com maior autenticidade evangélica nossa existência e nossa missão de religiosos Irmãos.

No Encontro Regional de Irmãos e na Conferência Regional dos Irmãos Provinciais, foi decidido que se assuma o Projeto de Leitura Orante do Novo Testamento da CLAR, como uma das formas concretas de vivenciar o desafio do Capítulo Geral. Na nossa condição de Irmãos Lassalistas, através dessa opção, nos inserimos no esforço da Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas, empenho de configurarmos uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida.

A Regra nos lembra que “os Irmãos encontram a principal fonte de sua oração na Sagrada Escritura, na Liturgia e nos apelos oriundos do seu ministério, da Igreja e do mundo. Cada dia, lêem e meditam a Palavra de Deus...” (Cf. R 67). Em variadas ocasiões, o santo Fundador nos recorda que a meditação da Palavra de Deus é um elemento fundamental para caminhar segundo o Espírito (cf. Med. 192).

A Comunidade de Animação Regional, assessorada pela Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral, e acompanhada pelo Irmão Oscar Elizalde Prada, Secretário Adjunto da CLAR, tomou a iniciativa de integrar na proposta da CLAR alguns elementos tipicamente lassalistas. Isto se tornou particularmente visível no esquema proposto para os Encontros e os subsídios lassalistas. Agradecemos aos Irmãos que gentilmente destinaram parte de seu tempo para a elaboração dos subsídios.

Esperamos que o projeto de Leitura Orante do Novo Testamento contribua para o processo de renovação espiritual proposto pelo Capítulo Geral, para que, como Irmãos, vivenciemos com novo ardor e esperança o espírito que nos é peculiar: o espírito de fé, de zelo e de comunidade.

Irmão Edgar Genuino Nicodem

Conselheiro Geral para a RELAL

Irmão Gustavo Ramírez Barba

Secretário Regional da Missão

Irmão Crithian Diaz Meza

Secretário Regional Organização e Gestão

ENCONTRO 1: TEMPOS NOVOS

Saber ler os sinais dos tempos



Leitura orante: Mc 1, 14-20: “Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova.



Textos complementares: Mt 16, 1-4: Os arrebóis e os crepúsculos significativos. Os judeus pedem sinais messiânicos. - Lc 12, 54-59: “Hipócritas! Sabeis avaliar o aspecto da terra e do céu. Como é que não sabeis avaliar o tempo presente?” Lc 17, 20-21: “O Reino de Deus não vem ostensivamente...pois ele já está entre vós”- Jo 4, 31-38: “Não dizeis vós: Ainda quatro meses, e aí vem a colheita!”



LEGADO LASSALIANO

O santo Fundador captava os sinais dos tempos e respondia a eles

O santo Fundador parecia estar destinado a uma brilhante carreira eclesialística em consequência de sua formação nas melhores universidades de sua época. Todavia, através de gestos e de sinais, o Senhor lhe foi mostrando um caminho diferente para responder aos *novos tempos* e às *novas necessidades*. João Batista de La Salle “ergueu o olhar e viu os campos sazonados para a ceifa”. A primeira miséria que vislumbrou não foi a dos meninos abandonados sem escola, mas a penúria dos mestres-escolas de Nyel.

Atento ao que se passava em seu derredor, o santo Fundador paulatinamente foi descobrindo que os acontecimentos diários eram sinais transparentes e puros gestos de Deus. Havia alguns anos, o filósofo Pascal, antes de morrer escrevera: “Se Deus nos enviasse mestres, com que ânimo decidido nós lhes deveríamos obedecer! A necessidade e os acontecimentos são esses mestres”.¹ Não há dúvida que esses tempos eram calamitosos, conforme nos diz em seu testamento (T 4,0,1). Foi também um tempo de renovação para a Igreja sob a inspiração daquilo que hoje denominamos de Escola de Espiritualidade francesa.

Às palavras de Pascal fazem eco as de La Salle: “*Não faças diferença entre aquilo que é próprio do vosso estado, e aquilo que se refere à vossa salvação e perfeição*”. Trata-se de um chamado existencial a que é preciso responder num tempo novo, do qual realmente importa fazer caso: o presente. O presente em que o Reino de Deus já chegou. Para o Fundador é o tempo que tem seus sinais e seus arrebóis próprios, marcados por uma

¹ PASCAL, Blaise, Pensées, N° 553, segundo ms. 89 na edição Brunshvic. Na edição Chevalier, Pensamento n° 735.

história particular. O esplendor do rei Luís XIV marcava uma era de prosperidade nunca usufruída pela França, mas não para todos os franceses. A realidade da infância e da juventude era desastrosa. *O tempo também se completara para estas, e o Reino de Deus se ia fazer presente* na pessoa de São João Batista de La Salle, para presentear-lhes um lugar de salvação: a comunidade das Escolas Cristãs.

O tempo novo corresponde ao da abertura da Igreja às crianças; e foi assim que La Salle a entendeu quando disse aos Irmãos: *“Façam com que os meninos entrem realmente no edifício da Igreja”*(MR 201, 3, 2). Esta foi a primeira função de que Jesus Cristo incumbiu seus santos apóstolos, dos quais São Lucas refere que logo após os escolher, *“os enviou para anunciar o Reino de Deus”*(Lc 9, 1). É também a que lhes recomendou de forma muito expressa, exatamente antes de deixá-los, quanto lhes disse: *“Ide e ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”*(Mt 28, 19).

E o santo acrescenta: *“A vós, especialmente, é que Jesus Cristo dirige estas palavras: Procurai em primeiro lugar o Reino de Deus”*(Mt 6,33). Com efeito, se viestes a esta casa, deveria ter sido somente para procurar esse Reino. Primeiro para vós e, segundo, para aqueles de cuja instrução Deus vos encarregou. Neste mundo não deveis buscar outra coisa do que estabelecer o Reino de Deus na vossa alma, quer para esta vida, quer para a outra” (Med. 67, 1).

O novo tempo é o de recordar com frequência sua interpelação: *“Qual é o fim de vossa vocação, para que vos mova a contribuir para o estabelecimento e a consolidação do Reino de Deus nos corações de vossos alunos? Julgais que um dos melhores meios para obter semelhante bem é, antes de tudo, procurar que Deus reine de tal maneira em vossos alunos, que já não tenham nem ação nem impulso algum senão por Ele?... Será que tendes tão pouca fé a ponto de temer que cumprir vosso dever, e ocupando-vos só em conseguir que Deus reine em vossos corações e nos dos outros, vos falte algo necessário para viver e para vos vestir?”* (Cf. Med. 67).

A vós, particularmente, Jesus Cristo dirige as palavras do Evangelho: *“Buscai primeiro o Reino de Deus”* (Mt 6,33). Não deveríeis ter vindo a esta comunidade senão para buscá-lo; em primeiro lugar para vós mesmos; em segundo lugar, para aqueles de cuja instrução Deus vos encarregou. Aqui não deveis buscar outra coisa que estabelecer o Reino de Deus em vós, nesta vida e na outra. Durante esta vida, deveis esmerar-vos tão somente para conseguir que Deus reine pela graça e pela plenitude de seu amor em vossos corações. Deveis viver para Ele, e a vida do próprio Deus deve ser a vida de vossas almas. Ademais, é necessário que vos nutrais dEle, ocupando-vos quanto vos seja possível de sua santa presença (Cf. Med. 67).

O novo tempo é o de aceitar amorosamente a Divina Providência e os desígnios daquele que conduz todas as coisas com sabedoria e suavidade, e não costuma forçar a inclinação dos homens. Em seu crescimento de homem espiritual, o Fundador teve de passar de uma fé tranquila aprendida na infância e na juventude, para uma fé comprometida com os sinais dos tempos do Reino de Deus.

As situações obrigaram La Salle a mudanças radicais insuspeitadas não só no referente ao seu status pessoal ou social, mas também quanto a esquemas mentais vigentes, relativamente à educação. Para cada *novo tempo*, e respondendo a novas necessidades, teve seu “manual” preparado para Irmãos e Professores. Para sermos excelentes pedagogos nos oferece o *Guia das Escolas Cristãs* e o *Manual de Urbanidade e de Civilidade Cristã*; para virmos a ser homens de oração escreveu a *Explicação do Método de Oração*; para vivermos em comunidade como religiosos, as *Regras Comuns*, as *Meditações para os Domingos e Festas*; para virmos a ser catequistas informados, redigiu os *Deveres do Cristão*. Todas estas obras são como a bússola que o Fundador nos entrega para navegar em tempos novos de incerteza e de criatividade redentora.

Não existe a menor dúvida que todos estes instrumentos citados sofreram alterações e atualizações pelo uso durante mais de três séculos. Continua, pois, vigente a pergunta de Lucas: *“Hipócritas! Sabeis avaliar o aspecto da terra e do céu. Como é que não sabeis avaliar o tempo presente, os sinais do Século XXI?”*

Se os sinais dos tempos parecem surpreender o Fundador em sua busca do Reino de Deus, ele encontrará a resposta no discernimento pessoal e comunitário com seus Irmãos, quase seus iguais, com quem se identificara e comprometera por associação. Os diálogos patéticos com eles para saber se devia fundar com o seu dinheiro ou sem ele; para saber se devia renunciar a seu canonicato ou se devia mantê-lo; se devia abrir uma escola em um localidade ou se não era conveniente... todos esses procederem bem demonstram a atenção que ele prestava ao Espírito do Senhor e ao parecer de seus Irmãos.² O mais importante, porém, era sua permanente abertura aos pobres como “sinais” de Deus, seu ardoroso anseio de adorá-lo neles (Cf. 96, 3,2), e de servi-lo neles (Cf. MF 150, 1,2).

Em nossos dias, novos tempos têm sido ponderados pelo último Capítulo Geral. O convite feito é o de viver nestes dias com os olhos abertos e o coração abrasado; é colaborar na reestruturação para continuar sendo instrumentos de salvação.

² Cf. BLAIN II, 411; I, 232-33.

ENCONTRO 2: ENSINAMENTO NOVO

Falar com autoridade



Leitura orante: Mt 21, 23-27: “Enquanto ensinava, os sumos sacerdotes e os anciãos do povo aproximaram-se dele, perguntando? Com que autoridade fazes estas coisas?”



Textos complementares: Mc 1, 22-27: “Todos ficaram admirados com seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas”. Cf. Jo 8, 40: Eu saí e vim da parte do meu Pai; não vim por minha conta, mas foi meu Pai quem me enviou.



LEGADO LASSALIANO

Um primeiro enfoque deste legado lassaliano nos convida a refletir sobre todas as dificuldades que o santo Fundador teve com as autoridades eclesiásticas e civis de sua época. A ascendência que sua obra ia conquistando fazia sombra e conculcava os calos de pessoas eminentes. Nunca se viria que um grupo de vulgares mestres-escolas leigos tivessem voz na Igreja e que, além do mais, pretendiam governar-se por si mesmos. As mudanças pedagógicas e a gratuidade aplicada ferrenhamente puseram em situação perigosa a autoridade e a estabilidade da agremiação dos mestres calígrafos com as consabidas consequências... As invejas do suposto “inimigo” de La Salle também fizeram parte dessas dificuldades juntamente com a traição de seus melhores Irmãos. A autoridade de La Salle se baseava na de Jesus, porque em tudo se fizera semelhante aos meninos.³

Mas, o enfoque mais apropriado para refletir hoje sobre a nova autoridade e o novo ensinamento, é o da autoridade do Irmão em face dos seus alunos.

Como Irmãos, somos espaldados pela autoridade de Jesus. Trata-se sobretudo de uma autoridade participativa da natureza daquele que nos envia. Não é mera delegação de poderes ou uma embaixada que, de vez em quando, se comunica com sua metrópole. Quanto mais nos identificarmos e vivermos com Jesus que nos envia, tanto mais autoridade teremos diante daqueles que nos foram confiados para os instruir. É neste óptica que devemos ler os títulos paulinos e lassalianos que essa autoridade nos outorga.

A oração é o exercício que mais pode fortalecer a autoridade do Irmão por ser uma conversação com Deus que *se comunica com seus amigos e confidentes, desvelando-lhes*

³ BLAIN II, 355.

*segredos desconhecidos da maioria dos homens.*⁴ É na oração onde o Irmão adquire a autoridade de ser dispensador dos mistérios da salvação.

Pela primeira vez na história, o professor cristão tem uma autoridade nova: é embaixador e ministro de Jesus Cristo, anjo da guarda das crianças, dispensador dos mistérios da salvação. Já não é mais funcionário nem mercenário. À medida que assimilar e viver essa nova identidade terá maior autoridade em nível pessoal. Não se trata apenas do Irmão consagrado. Nossos colaboradores leigos têm o mesmo privilégio e a mesma missão que, anteriormente, eram reservados aos clérigos.

Em nível comunitário, uma leitura do *Informe do Irmão Superior Geral* ao 44º Capítulo Geral nos incita a refletir sobre o fato de que nossa autoridade corporativa irá aumentar na medida em que exitarmos em diminuir nossas tensões.⁵ Entre outras, a tensão da distância entre o que dizemos e o que fazemos, entre nossos documentos e nossa práxis; a profissionalização de nossa missão, que nem sempre nos permitiu sermos evangelicamente significativos; a redescoberta do carisma nem sempre acompanhada de um esforço para vivenciar com maior radicalidade o Evangelho; o querer conservar o que temos sem responder às necessidades dos jovens e suas novas pobreza com criatividade... Cabe a nós criar e manter nossa autoridade mediante a criatividade de novos métodos educativos, como fez o santo Fundador em seu tempo.

A nova autoridade do Irmão procede de seus bons exemplos: “Vós exercéis um emprego no qual todos vos observam, e que, portanto, vos obriga a pôr em prática o conselho que São Paulo deu a Tito, bispo de Creta, e discípulo de Paulo. Ele lhe aconselha que *em tudo seja modelo de boas obras, pela doutrina, pela integridade dos costumes, pela regularidade de sua conduta e por sua compostura* (Tt 2,7), (Cf. MR 202, 3).

Em primeiro lugar, vossos alunos vos observam. Por isso, tendes obrigação de dar-lhes bons exemplos com vossa doutrina, imitando nisto a Nosso Senhor que, como diz São Lucas nos Atos dos Apóstolos, *começou com obrar antes de ensinar* (At 1,1). É isto que vos tornará recomendáveis diante dos alunos.

Deste modo, para cumprirdes devidamente vosso dever para com eles, importa que vossas obras os instruam mais que vossas palavras, para que, como acrescenta o mesmo São Paulo a Tito, vossas palavras sejam irrepreensíveis, não só por serem sensatas no referente à doutrina, mas também como demonstrações e efeitos de vossa virtude. Desse modo, aqueles a quem instruídes, como acrescenta São Paulo, *não encontrarão nada para replicar àquilo que lhes disserdes* (cf. Tt 2, 8), ao verem que tudo está em conformidade com o que fazeis. É este o vosso proceder? Não ensinai nada a vossos alunos que vós mesmos não pondeis em prática?⁶

⁴ MF 130, 1; MD 64, 2; 18, 1; MF 88, 1.

⁵ *Informe do Irmão Superior Geral*, Casa Generalícia, Roma, p. 38 e 39.

⁶ MD 69, 1, 1.

A profissão que exerceis vos obriga a estar, todos os dias, no meio do mundo, onde vos observam até nos mínimos movimentos. Isto vos deve urgir a nada omitir para serdes modelos de todos os tipos de virtude aos olhos dos leigos, em meio dos quais tendes de viver.

Deveis procurar edificá-los, particularmente por vossa reserva e modéstia, pois, se eles perceberem em vós qualquer traço de leviandade ou de dissipação, facilmente se escandalizarão. Pelo contrário, se vos apresentardes diante deles com exterior comedido não de sentir muita veneração por vós.⁷

⁷ MD 69, 3, 1.

ENCONTRO 3: NOVOS RELACIONAMENTOS

Viver e criar comunidades novas



Leitura orante: Jo 15, 12-17: “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Vós sois meus amigos; já não vos chamo de servos... Eu vos escolhi para que vades e deis fruto”.



Textos complementares: Mc 9, 30-37: Quem é o maior? - O que discutíeis no caminho? - O exemplo da criança. - Mt 5, 1-12: As bem-aventuranças. Mt 19, 1-12: Os eunucos pelo Reino.



LEGADO LASSALIANO

A comunidade desejada por La Salle

É uma comunidade realista:

Não é possível que várias pessoas vivam juntas sem que, vez por outra, tenham de sofrer algo umas das outras. Pode dar-se que uma tenha um temperamento difícil; que outra tenha um temperamento agressivo; esta pode ter modos desagradáveis de suportar; aquela pode ter um carácter antipático, e outra ainda pode ter um carácter demasiadamente complacente; uma, possivelmente, expressará com facilidade o que pensa; outra será exageradamente reservada e dissimulada, e aquela outra, por fim, pode ter modos de falar demasiadamente críticos.

É raro que todos estes tipos de temperamentos e de caracteres diferentes, não causem problemas entre os Irmãos. E, caso a graça não venha em ajuda, é quase impossível que todos se acomodem mutuamente, e que a caridade não sofra imensamente. É claro que a maneira de manter a união numa comunidade, malgrado caracteres tão diversos, é suportar caritativamente os defeitos uns dos outros. É estarem dispostos a desculpar e perdoar a outro, *assim como desejamos que o façam conosco* (cf. Mt 7, 12). É a isto que se compromete necessariamente quem opta por viver em comunidade. Reflita cada um muito bem sobre isto, hoje, e em todo o resto da vida. (cf. MD 74, 1, 2).

Esta caridade que nos é solicitada pressupõe paciência a toda prova. Todos têm os seus defeitos, e os carregam consigo aonde forem. Assim, somente suportando-se uns aos outros é possível manter a paz e a união nas sociedades, mesmo as mais bem concertadas. Por isso, diz São Paulo, *a caridade suporta tudo* (1Cor 13, 7). E para que ninguém julgue que ele se enganou e o disse sem pensar, ele o repete: *a caridade sofre tudo*. (cf. MD 74, 2, 1).

Haverá os que dirão: Eu suportaria tal coisa de um meu Irmão; mas aquele outro, não consigo resolver-me a aguentá-lo; ou ainda, meu carácter é demasiadamente oposto ao dele.

Não querem ter caridade com seu Irmão, nem união com ele, quando têm algo que não querem tolerar nele. Todavia, pensando bem, a caridade suporta tudo.

Se julgarem que vieram à comunidade sem estarem obrigados a suportar os defeitos de seus Irmãos, enganam-se e se enganaram ao ingressar nela. A este respeito, adotem medidas para o futuro, e para todo o resto de suas vidas (cf. MD 74, 2,2.)

O que os deve mover a suportar os defeitos de seus Irmãos é a obrigação que Deus lhes impôs. Quando Deus os pôs em comunidade, lhes colocou nos ombros uma carga difícil de levar. E qual seria essa carga? - São os defeitos dos outros. Por pesado que isto possa vir a ser, São Paulo deseja que *carreguemos essa carga, se quisermos cumprir a lei de Jesus Cristo* (cf. Gl 6, 2) (MD 74, 3,1).

Ouvistes bem esta lição? Será que a entendeis bem? Pois, praticai-a. O próprio Deus vos dá o exemplo. Ele, que todos os dias tem de suportar tantas coisas de vossa parte, e que ainda terá de sofrer tantas outras!

Cometestes numerosos pecados contra Ele, apesar de lhe serdes devedores de muitas graças. Contudo, caso recorráis a Ele, perdoar-vos-á tudo, mas com uma condição. Ele assevera: *Perdoai vós também a vossos Irmãos* (cf. Mt 6, 14), e não mantenhais nenhum ressentimento por quaisquer penas que vos tenham causado ou possam causar-vos.

Assim, pois, se não quiserdes suportar nada de vossos Irmãos, tampouco Deus suportará nada de vós, e vos castigará terrivelmente por tudo que tiverdes feito contra Ele. Se, pelo contrário, perdoardes tudo a vossos Irmãos, Deus vos perdoará o que tiverdes feito contra Ele: *Sereis medidos*, diz Ele em outro lugar, *com a mesma medida com que tiverdes medido os outros* (cf. Mt 7, 2) (cf. MD 74,3).

O Irmão se conscientiza de que vive num mundo globalizado que fez crescer os relacionamentos entre as pessoas, a consciência de sua pequenez, a interdependência, o respeito e a tolerância.⁸

Uma comunidade afetuosa

Tendes vós tais sentimentos de caridade e de ternura para com os meninos pobres que deveis educar? Estais aproveitando o afeto que eles vos professam para ganhá-los para Deus? Se usardes com eles a firmeza de pai, também deveis sentir por eles a ternura de mãe para acolhê-los e procurar para eles todo o bem possível (cf. MF 101, 3; 66, 2; 101, 3).

Quanto mais ternura sentirdes pelos membros de Jesus Cristo e da Igreja que vos são confiados, tanto mais Deus produzirá neles admiráveis efeitos da graça (MF 134, 2).

Amarão afetosamente seus Irmãos (RC XIII) (MF 113, 2). Estais bem unidos a vossos Irmãos? Será que vos deixais levar por vossas repugnâncias e antipatias? Compenetrai-

⁸ Circular 455, Documentos do Capítulo Geral, 1,1, p. 9.

vos deste sentimento: nas comunidades devem ser revividos os sentimentos dos primeiros cristãos que só *tinham um coração e uma alma* (cf. At 4, 32) (MF 113, 2).

La Salle também encontrou em Maria Santíssima as manifestações da ternura de Deus, e em consequência nos propôs: Tornemo-nos dignos da ternura da Santíssima Virgem (MF 88, 3). Devemos honrar a Santíssima Virgem com grandíssima ternura e devoção, porque Deus pôs nela a plenitude de todos os bens (MF 151, 2).

Uma comunidade de relacionamentos trinitários

A *nova comunidade* do Irmão nasce em seu ministério. Dito em outras palavras, o ministério do Irmão é um espaço de *novos relacionamentos*. Trata-se do resultado de uma tríplice pertença significativa: a pertença a Deus, a pertença à Comunidade/Igreja e a pertença à Sociedade para onde somos enviados.

Encontramos o *novo relacionamento* do Irmão descrito na MR 201. Sua chave está no sentido de pertença e de relacionamentos que Deus quer estabelecer entre nós e a Santíssima Trindade,⁹ prolongados no amor de Cristo por sua Igreja e na opção preferencial que a Igreja e Jesus têm pelos pobres.

O *novo relacionamento* que estabelecemos em nosso ministério com as crianças e os jovens não é um relacionamento possessivo. Trata-se de um relacionamento de desprendimento para lhes dar vida e vida em abundância. É um relacionamento de alguém que se reconhece como mediador e que, por conseguinte, não se apega ao afeto das crianças e dos jovens. Diante dos jovens, o Irmão se identifica como enviado do Pai.¹⁰

Os *novos relacionamentos* implicam em os Irmãos somente poderem prometer aquilo que vivenciam. Não há aqui em comunidade coisa alguma que não tenha sido feita de comum acordo e experimentado (GE, prefácio 1). É preciso que eles cresçam e que eu diminua: isto ilustra os esforços do santo Fundador para que elesgessem um novo superior “Irmão”. Com a mesma finalidade, o Irmão vive seus relacionamentos em termos trinitários *para que eles cresçam e que ele próprio diminua*.

⁹ A fonte teológica trinitária da comunidade está em MD 39, 3, 1.

¹⁰ Cf. Christifideles laici, 21.

ENCONTRO 4 : NOVA LEI

Praticar o novo mandamento do amor



Leitura orante: Mc 12, 28-34: O primeiro e o segundo mandamentos valem mais que todos os holocaustos e sacrifícios.



Textos complementares: Mt 5, 17-48: A nova justiça do sim ou do não é o amor dos inimigos. Não jurar em vão e outros conselhos. Jo 13, 34: Amai-vos como eu vos amei. Conhecer-vos-ão se observardes o novo mandamento.



LEGADO LASSALIANO

O amor fraterno entre os Irmãos

O amor fraterno nasce do amor dos Irmãos a Jesus e da centralidade do voto de associação convertido em fraternidade para a missão. Em outros termos, nós nos amamos porque queremos amar Jesus, e porque amamos as crianças e os jovens que Ele nos confiou.

Por outro lado, *“a comunhão missionária da vida trinitária é o manancial da fraternidade ministerial que caracteriza a vida dos Irmãos. Mediante nossa consagração para a glória de Deus, os Irmãos somos uma recordação permanente na Família Lassalista do amor de Deus que nos reúne e de seu especial interesse pelos filhos dos “artesãos e dos pobres”.*¹¹

O biógrafo Blain, ao comentar a opção pelo nome da nova comunidade diz: “O nome de *Irmãos* é o mais apropriado, porque define seu estado e assinala as funções de sua vocação. Este nome lhes lembra que a caridade que fez surgir seu Instituto, deve ser sua alma e sua vida; é a que deve presidir todas as suas decisões e dar forma a seus anseios... Isto lhes diz que sendo Irmãos entre si, devem dar-se mutuamente provas de amizade afetuosa mas espiritual, e que, considerando-se irmãos de mais idade daqueles que vêm assistir às suas lições, devem exercer este ministério com coração caritativo” (cf. CL 7, 24).

Não há, porém, melhor suporte para a reflexão sobre o amor fraterno que os textos do santo Fundador:

“A união fraterna numa comunidade é uma jóia preciosa; por isso tanto a recomendou Nosso Senhor a seus apóstolos antes de morrer. Perdida a união, tudo está perdido. Conservai-a, pois, cuidadosamente, se quiserdes que vossa comunidade perdure” (MF 91, 2).

¹¹ Circular 455, Documentos do 44º Capítulo Geral, 1,2,2, página 25.

“Efetivamente, uma comunidade sem união é um inferno” (*Med. 65, 1*). “O afeto e o serviço recíproco cimentam a comunidade dos Irmãos (*RC 13, 1 e 2*).

Deus, havendo vos chamado por sua graça a viver em comunidade, não há nada que devais pedir-Lhe com mais insistência que essa união de coração e de espírito com vossos Irmãos (*cf. MD 39,3*).

Só falarão de seus Irmãos com estima e muito respeito (*RC 13, 12*). Somente falarão com eles com brandura; não falarão com eles se temerem que o fariam de outro modo (*cf. MD 65, 2*) Darão sempre preferência a seus Irmãos, enquanto a Regra e a obediência o permitirem, movidos a isto pela estima que lhes têm, e o respeito que têm a Deus que mora neles (*cf RC 12, 6*).

As cartas do santo Fundador contêm abundância de chamados e de apelos para que a caridade reinasse entre os Irmãos nas comunidades.¹²

O recurso da oração para pedir a Deus a caridade fraterna é de suma importância porque depende dela que a comunidade continue sendo um espaço de salvação: “Instai, pois, o Deus dos corações, que dos vossos e dos de vossos Irmãos, Ele forme um só coração com o de Jesus” (*MD 39,3*).

¹² Cf. Cartas 11,4; 12, 16; 35, 3; 16; 38, 10; 43, 10-12; 49, 2-3.

ENCONTRO 5 : NOVO CULTO

Celebrar a vida



Leitura orante: Jo 4, 4-26: O particularismo da samaritana e a abertura de Jesus.



Textos complementares: 1Cor 11, 17-34: A comunidade de Corinto está dividida por causa da ceia do Senhor Jo 13, 1-17: O lava-pés. Mt 6, 1-14: Esmola, oração e jejum.



LEGADO LASSALIANO

O culto do Irmão é o culto da escuta ao estilo de Israel: *Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Deus: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.* É o culto daqueles que oram em espírito e em verdade, como Jesus falou à samaritana. É o culto da escada de Jacó pela qual o Irmão apresenta a Deus a vida daqueles que Ele lhe confiou para instruir. É um intercâmbio celeste e terrestre: o Irmão entrega sua vida a as vidas de seus alunos para distribuir-lhes os dons que Deus lhe outorgou.

O *novo culto* e a celebração da vida nos incitam a fixar o olhar nas preocupações de nossa vida interior como Irmãos, e nas dificuldades da vivência de nossa consagração nos contextos contemporâneos. Consiste em oferecer ao mundo uma profundidade espiritual. É este o nosso empenho e nossa *opus Dei*: o cumprimento das funções do nosso emprego como cumprimento da vontade de Deus (cf. *RP 3,0,3* e *CT 1,1,4*).

Para chegar a isto, é preciso, sobretudo, orar mais, ter a convicção de que nosso imperativo existencial é a oração; de ser mais e ter menos; de vivenciar a espiritualidade do êxodo. Nas linhas de ação do citado Capítulo Geral, entre outras, encontramos: ser mais criativos na oração pessoal e comunitária, na leitura espiritual, em nossas celebrações comunitárias e sacramentais de um modo mais afetivo e mais festivo; preferir retiros espirituais mais contemplativos que instrutivos.¹³

O *novo culto* e a celebração da vida implicam também a celebração do perdão em comunidade. Mais que a um rito definido de “advertência dos defeitos”, La Salle nos incita a meditar sobre a condescendência mútua que é a ascese diária do perdão.

¹³ Id. 3, 1, página 15

“A caridade é paciente, benfazeja, não invejosa (1 Cor 13,4). É a segunda qualidade que São Paulo atribui à caridade, ao amor. Com efeito, o amor e a união não se demonstram resmungando, murmurando, queixando-se em alta voz e discutindo, mas falando com brandura e amabilidade, inclusive, humilhando-se a ponto de pôr-se abaixo de seus Irmãos; pois *uma resposta calma*, diz o sábio, *aplaca a ira*, e a *palavra dura atiza o furor* (Pr 15, 1) (MD 65, 2,1).

Suportar-se mutuamente é caridade que cada um é obrigado a praticar com seus Irmãos, se quiser manter a união com eles e manifestar com seu proceder que junto com eles forma a mesma sociedade e, conseqüentemente, participa em tudo o que eles sofrem. Por sua parte, não está isento de sofrer algo deles, porque não é possível que duas pessoas vivam juntas sem que de algum modo se causem sofrimento; e assim como um faz sofrer os outros, é muito justo que ele também sofra deles¹⁴ (MD 73, 2, 1).

Se julgais que ingressastes na comunidade sem estardes obrigados a suportar os defeitos de vossos Irmãos, vos enganais e estáveis enganados ao ingressar nela. Tomai medidas a respeito disto para o futuro próximo e para todo o resto das vossas vidas (cf. MD 74, 2). O que também vos deve mover a suportar os defeitos de vossos Irmãos é a obrigação que Deus vos impôs. Quando Deus vos pôs em comunidade,¹⁵ vos colocou nos ombros um fardo difícil de carregar. E qual é esse fardo? São os defeitos do próximo. Por pesado que esse fardo venha a ser, São Paulo nos estimula, recomendando que *o carreguemos, se quisermos cumprir a lei de Jesus Cristo* (Gl 6,2).

Ouvistes bem esta lição? Será que a compreendeis devidamente? Pois, praticai-a. O próprio Deus vos dá o exemplo. Ele que, todos os dias suporta tantas coisas e que ainda há de suportar muitas mais. (cf. MD 74,3).

Os defeitos de nossos Irmãos fazem parte da vossa vida, da nossa vida. Trata-se de aceitar essa vida e vivenciá-la com amor; de agradecer por ela porque é motivo e caminho de redenção de uns e de outros (cf. RP 3.0.8; MR 194, 1,2; 207, 3,2). Nossos Irmãos fazem parte “daqueles que Deus nos confiou (MD 37, 2,2) e que retomamos dia após dia ao Pai como em uma *oração sacerdotal* ao estilo de Jesus (cf. Jo, 17).

O culto do Irmão se baseia totalmente no culto da *Palavra* que informa e amolda sua fé. Daí a insistência do santo Fundador aos primeiros Irmãos para que tivessem contato físico com ela, carregando no bolso o Novo Testamento.

Por fim, o *novo culto* do Irmão culmina amiúde em oração de ação e de contemplação sem esquecer a oração de sofrimento e o dom das lágrimas, estranho para a maioria de nossos contemporâneos. (cf. DC 2, 4,4,5).

¹⁴ MD 74, 1,2.

¹⁵ O santo Fundador insistiu na iniciativa divina: a decisão de ingressar na comunidade é uma resposta ao esse convite de Deus.

ENCONTRO 6: NOVA MISSÃO / NOVA PROFECIA

Ser discípulos e missionários de Jesus



Leitura orante: Lc 4, 14-30: Jesus faz a leitura de sua missão na sinagoga.



Textos complementares: Jo 2, 1-12: As bodas de Cana: Transformação da água do batismo em Vinho do Reino de Deus. Mc 6, 1-6: Somente em sua pátria e entre seus parentes e em sua casa não tem prestígio... Decepcionou-se da falta de fé deles. Jo 7, 37-52: Quem tiver sede venha a mim e beba... por que não o trouxeram? Nunca homem algum falou como ele... Estuda e verás que da Galileia não sai... Mt 16, 13-20: O que dizeis vós que eu sou?



LEGADO LASSALIANO

A missão utópica do Irmão como missionário e discípulo de Jesus, consiste no seguimento de Cristo, lutando vitoriosamente contra todos os medos, como os profetas.

É interessante pôr em destaque nos Evangelhos o contexto dos medos que os primeiros discípulos sentiram. Examinando o relato da tempestade em Mt 8, 23, e os versículos seguintes, percebemos que eles, os apóstolos, tiveram medo: 1º, da missão (Mt 10, 26; Lc 12, 4). 2º, da aparição no lago (Mt 14, 26; Mc 6, 50). 3º, da subida a Jerusalém (Mc 9, 32; Lc 9, 45); e 4º, de Jesus nas aparições depois da Ressurreição (Lc 24, 37; Jo 21).

Medo da missão:

La Salle sabia que tornar-se Irmão das Escolas Cristãs não era fácil. Na bela meditação para o Natal desenvolveu a idéia de que essa vocação não dá lugar a mal-entendidos, nem a falsas interpretações. Sabia que uma avaliação equivocada na opção por um estado de vida tornará este insuportável. Em outros termos: uma vez que conhecemos nossa verdadeira missão, não há nada que temer.

Nós, ao optarmos por nosso estado de vida, tivemos que decidir-nos a viver na renúncia e na humildade, como o Filho de Deus ao assumir a natureza humana; pois isto é o mais característico de nossa profissão e emprego. Somos pobres Irmãos, ignorados e desconsiderados pelas pessoas do mundo. Somente os pobres nos procuram. Estes nada têm para dar-nos, a não ser seus corações, dispostos a receber nossos ensinamentos. (Med. 86, 2).

Por outro lado, não podemos sentir medo de nossa missão, descrita com os títulos gloriosos que o santo Fundador emprega, tirando-os da visão paulina do seguimento de Cristo:

“Ministros de Deus”, “ministros de Jesus Cristo”, “embaixadores de Jesus Cristo”. Não temos nada a temer, porque “a virtude de Jesus Cristo... nos faz triunfar de todos os obstáculos que se opõem à salvação das crianças e dos jovens (cf. MR 195, 2).

Medo da aparição sobre o lago:

Quando viram a Jesus caminhando sobre a água, os apóstolos temeram que fosse um fantasma: “...ficaram apavorados e disseram: É um fantasma. E gritaram de medo” (Mt. 14, 26). Caminhar sobre as águas é um atributo reservado a Deus na Bíblia (cf. Jó, 9, 8). E, todavia, os apóstolos não o conheceram.

Medo de subir a Jerusalém:

Enquanto subia a Jerusalém com seus discípulos, Jesus lhes anunciou sua paixão. São Marcos, pelo menos três vezes indica que entre eles existia uma atmosfera de temor. “Mas eles não compreendiam o que lhes dizia, e tinham medo de perguntar-lhe” (Mc 9,31), ..” e, ouvindo suas palavras se encheram de tristeza” (Mt 19, 23).

Medo das aparições depois da Ressurreição

Sobretudo, tinham medo de sair para proclamar a ressurreição. As portas estavam bem trancadas, por medo das autoridades. Havia “discípulos às escondidas” como José de Arimateia. Assim como se dera no lago, também não reconheceram a Jesus ressuscitado (cf. Lc 24, 37).

Com certeza, o verdadeiro temor que deveriam ter era o de serem tentados pelos falsos poderes messiânicos (cf Jo 6, 14) e, sobretudo, o desejo de ocupar os primeiros lugares (cf. Mc 9, 33).

Neste contexto compreendemos as palavras de Jesus: “Por que temeis, homens de pouca fé? (Mt 8, 26), e “Não temais!”. O ensinamento essencial da tempestade é que aqueles que entram na barca seguindo a Jesus não têm razão alguma para temer, malgrado o caráter irracional dos acontecimentos que vão ocorrendo, e que eles têm de enfrentar. Trairiam a fidelidade incondicional de Deus. Assim como o compromisso do discípulo que segue a Jesus é incondicional, também o compromisso de Jesus com aquele que crê é incondicional.

O medo é incompatível com o seguimento de Cristo porque indica falta de fé. Nunca empreenderemos nosso “êxodo”, nem nossa “subida a Jerusalém” se duvidarmos no reconhecimento de sua Ressurreição. Qualquer medo põe em perigo essas decisões.

O medo ao **discipulado** e a tudo o que ele envolve não é algo que surge no Novo Testamento. No Antigo Testamento também os profetas sentiram medo. Dentre eles houve renitentes e rebeldes, tais como Jonas e Elias. Todos temiam ver o Senhor face a face, medo de perderem a vida. Todos se desculpavam quando os queria enviar em missão: Moisés declarou-se tartamudo, gago; Isaías se justificou que era muito jovem para corresponder ao pedido do Senhor.

O Irmão, também ele não pode conceber o seguimento de Cristo sem fixar o olhar nas dificuldades que ameaçam a fé em sua missão. Em várias de suas meditações, La Salle

procurou convencer seus Irmãos de que devem ser “como o grão de trigo, que tem de morrer para produzir muito fruto”(cf. Jo 12,24).“Não vos espanteis se encontrardes sofrimentos e contradições no exercício do vosso emprego. Quanto mais nele sofrerdes, tanto mais deveis animar-vos a bem desempenhá-lo, persuadidos de que então Deus derramará sobre vossos trabalhos, suas bênçãos com abundância” (MF126, 2).

Em suas meditações sobre os apóstolos e os evangelistas, La Salle seguiu o mesmo esquema: explicou aos Irmãos em que consiste a perseguição por amor do Reino, e como superar o temor que sentissem. “Amais os padecimentos tanto quanto Santo André amou a cruz em que morreu? Será que as contrariedades, os padecimentos e as perseguições que vos acontecem em vosso ministério, em vez de desanimar-vos, avivam o vosso zelo, e vos incitam a fazer Jesus Cristo mais conhecido e mais amado? (MD 78, 3). É questão de ter a *santa audácia* de que fala La Salle (cf. MF 96, 1), de ser capazes de dar a vida pelo anúncio do Evangelho (MF 84, 3), de fazer ressaltar a fé num zelo ou entusiasmo contagioso pela obra de Deus (cf. Regra 7 e 20).

O terceiro aspecto que o Fundador queria ressaltar foi “como” o verdadeiro seguimento de Cristo é a vitória sobre qualquer forma de medo. Medo de reagir contra o *statu quo ante* que cada dia oprime os pobres, medo de ser tachado de reacionário, comunista ou religioso marginal, medo de abandonar Jesus e ir atrás de falsos profetas, e as filosofias da redenção dos pobres... Não é estranho que o seguimento de Cristo, como discípulos e missionários implique, simplesmente lutar contra o medo. Finalmente, o Irmão/discípulo deve vencer o medo e ser capaz de denunciar como nos tempos dos profetas Natan e Elias (cf. MR 202, 1 e 204, 2).

ENCONTRO 7: NOVA LEITURA DA SAGRADA ESCRITURA



Leitura orante: Lc 24, 13-35: Encontro dos discípulos de Emaús.



Textos complementares: Mc 14, 3-9: Mulher quebra frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro e o derrama sobre os pés de Jesus... Fez o que pôde... Os pobres sempre estarão entre vós. Jo 5,39-40: Examinais as Escrituras, pensando ter nelas a vida eterna, e são elas que dão testemunho de mim. Vós, porém, não quereis vir a mim. - Mt 21, 12-17: Purificação do Templo. 2Cor 3, 12-18 : Todos nós, com o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor e, segundo esta imagem, somos transformados, com uma glória cada vez maior, pelo Espírito do Senhor.



LEGADO LASSALIANO

Seguindo a Cristo, o Irmão se converte em *goel*, redentor bíblico dos pobres. Para ser *goel* o santo Fundador indica outras condições a par daquela de carregar a cruz (cf. MF 86, 3,2).

Refletindo sobre o seguimento de Jesus, descobrimos que há três mandatos no seguimento de Cristo: Vem, renuncia, toma; seguido de um verbo no presente: “segue-me”. O chamado não consiste em aceitar determinado sistema de ensinamentos, viver dele, interpretá-lo fielmente e repassá-lo aos outros, o que seria próprio do chamado de um professor a seu aluno. Tampouco é um chamado para aceitar uma postura filosófica que se expresse em determinada forma de comportamento, como o estoicismo; também não um chamado para submeter-se a certos ritos, como ocorria nos Mistérios gregos, para chegar a ser um iniciado de Deus, seu companheiro. Não! Carregar a cruz não é um rito! É um chamado de Jesus para segui-lo e acompanhá-lo. É ser *goel*, redentor, carregando também a cruz dos outros.

O relacionamento que temos com Jesus, assim como o expressa Mateus 10, 36, convulsiona nossa ideia de família. Neste texto, o relacionamento familiar representa para o discípulo uma verdadeira família. A opção está entre a visão que o discípulo tem da família e a versão radicalmente nova que Jesus dá: Jesus é a família na qual quer que seu discípulo inclua a todos os pobres da terra.

Defender o pobre como Jesus o fez, até a cruz, quer dizer compartilhar sua sina e seus sofrimentos. Seguindo a Jesus, todos os oprimidos da terra são convidados a projetar um dia suas próprias frustrações e suas desesperanças sobre sua cruz. Com o chamado de alinhar sua própria cruz com a de Jesus, são convidados a ver nela, não um sinal menos “—”, mas um sinal mais “+” de ressurreição. Vivenciando este seguimento de Cristo, o Irmão se esforça em substituir a cruz do pobre pela de Jesus, com todo o seu poder redentor.

Para atingir esta incumbência é necessário muito discernimento. Vale a pena perceber o chamado de La Salle ao discernimento mediante o imperativo “considerai” empregado umas 20 vezes, e 4 vezes junto com o termo “refleti”.

O guia do discernimento é o Espírito Santo e, por este motivo, o santo Fundador nos lembra que, no Evangelho, Jesus Cristo disse aos apóstolos que, *quando vier o Espírito Santo - ao qual denomina de Espírito da Verdade - ele vos ensinará toda a verdade* (cf. Jo 16, 13); pois Ele vos fará conhecer todas as coisas, não somente naquilo que elas são na aparência, mas naquilo que são em si mesmas, e como se chega a conhecê-las, quando nelas se fixam os olhos da fé (MD 44, 1).

“Utilizais vós esta luz, para discernir todas as coisas visíveis e para distinguir nelas o verdadeiro e o falso, o aparente e o sólido? Se vos comportardes como verdadeiros discípulos de Jesus Cristo e como iluminados pelo Espírito de Deus, esta deverá ser a única luz que vos guie” (MD 44, 1).

La Salle emprega relativamente poucas vezes o termo “discernimento” nos seus escritos. No total foi 11 vezes. O verbo “discernir”, ele o empregou 22 vezes, mais comumente no sentido corrente dado ao termo francês do século XVII: separar, distinguir. Por conseguinte, este vocabulário por si só não pareceria articular uma experiência mais coerente com uma visão mística/profética, como aparece, por exemplo, em outros temas mais frequentes no vocabulário de La Salle: abandonar-se totalmente a Deus, identificar-se plenamente com Jesus Cristo e reconhecer e responder aos movimentos, às inspirações do Espírito Santo.¹⁶

Em outra de suas meditações o Fundador nos lembra: “Também vós podeis operar diversos milagres, tanto em vós mesmos como no vosso emprego. Em vós mesmos, por uma indefectível fidelidade à graça, de modo a não deixar escapar nenhum de seus movimentos sem lhe corresponder; em vosso emprego, pelo esforço em tocar o coração dos meninos travessos, que vos são confiados, para que sejam dóceis e fiéis na observância das máximas evangélicas; para que sejam modestos e piedosos na igreja e nas orações; para que cumpram com aplicação seus deveres na escola e em casa. Eis os milagres para cuja realização recebestes o poder de Deus e que Ele exige de vós” (MF 180, 3).

Já conhecemos os momentos-chaves do discernimento de La Salle nas origens do Instituto. Hoje, cabe a nós recordar os tempos fortes do nosso discernimento quando demos os passos decisivos do nosso compromisso religioso. Esta foi a primeira leitura da Sagrada Escritura aplicada à nossa vida.

“Não deveis ficar lembrando as coisas do começo, nem é preciso ter saudades do passado. Eis que estou fazendo coisas novas; estão surgindo agora, e vós não percebeis? Sim, no deserto eu abro um caminho, rasco rios na terra seca” (Is 43, 18 e 19).

Finalmente, a familiaridade do santo Fundador com a Sagrada Escritura, por assim dizer, lhe servia de permanente instrumento de análise de sua realidade. Em seus monólogos de

¹⁶ Irmão Miguel Campos, conferência sobre o discernimento, durante o 44º Capítulo Geral.

discernimento com os primeiros mestres, a Sagrada Escritura sempre foi o alvo. Sempre cotejou sua vida com o que diz a Palavra de Deus, porque esta é a única que produz sentimentos de fé, e é a única norma de nossa conduta, capaz de mover nossos corações (MF 180, 2). Ele esteve convicto de que a Palavra ilumina a mente como a luz divina (cf. MF 192, 2). Daí o sabor bíblico de todas as suas orações.

ENCONTRO 8: NOVO DISCIPULADO



Leitura orante: Mc 14, 3-9: Frasco de alabastro. Mc 15, 40-41: Mulheres seguindo a Jesus ao Calvário, presentes a Ele até a sepultura.



Textos complementares: Mc 3, 13. 19: Escolheu-os para que vivessem com Ele, depois os enviou. Está ficando louco... É por obra de Beelzebu. Lc 8,1-3: Muitos homens e mulheres o seguiam. Jo 20, 1-18: Pedro e João correram ao sepulcro. João viu e acreditou.



LEGADO LASSALIANO

O *novo discipulado* do Irmão não é um relacionamento intimista entre ele e seu Deus. É uma atitude de escuta em meio a situações interpelantes, embaraçosas, nas quais Deus parece esconder-se.

La Salle descobriu o tipo de apelo somente após decorrerem alguns anos: “Se tivesse sabido que o cuidado de simples caridade que me levava a ajudar aos mestres-escolas de Nyel, acabaria por decidir-me a viver com eles, eu o teria abandonado. Pois eu, muito naturalmente, considerava inferiores aos meus criados aqueles a quem me vi forçado a empregar nas escolas, sobretudo no início; e tão somente o pensamento de ter de conviver com eles me teria sido intolerável. No começo, efetivamente, quando os levei a residir em minha casa, muito me custou; e isto durou dois anos”.

Ação de Deus na vida de La Salle resume-se no chamado discreto por parte de Deus e em sua conversão gradual aos pobres. “Deus, que dirige todas as coisas com sabedoria e brandura, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo comprometer-me totalmente no cuidado das escolas, o fez de maneira quase imperceptível e no decurso de muito tempo, de tal modo que um compromisso me levava a outro, sem que no início eu o pudesse prever”.

Depois de noites de oração e vivenciando permanentemente a presença de Deus, La Salle, de maneira lenta, mas consciente, descobriu a Cristo nas pessoas dos meninos mais pobres de Reims. La Salle viu como identificação “natural” a de Jesus Cristo com os meninos pobres, e não teve dúvidas em perguntar aos Irmãos: Honrais vós Jesus Cristo nas pessoas de vossos alunos pobres? (MF 133, 3).

O santo Fundador pediu aos Irmãos que tratassem os meninos com sincera “ternura”: “... Ainda que a maioria deles tenham pai e mãe na terra, na realidade é como se não os tivessem; ficam abandonados a si mesmos naquilo que se refere à salvação da alma; por este motivo, de certo modo, os pôs sob vossos cuidados” (cf. MD 37, 3).

Por sua preferência deliberada pelos pobres, Deus, ao fazer-se homem, optou pela pobreza. Através de sua *kénosis* ou renúncia voluntária à divindade, viveu como pobre desde o berço até a cruz, e proclamando a bem-aventurança da pobreza. La Salle passou da consistência deste mistério à aplicação pessoal. “Nosso Senhor nasceu pobre e amou os pobres, com os quais gostava de estar... Disse, inclusive, que os pobres são bem-aventurados porque deles é o Reino dos Céus” (MR 202, 2). “Quanto mais pobres nós formos, tanto mais possuiremos o espírito de Jesus Cristo, que adotou o ser pobre como glória, durante toda a sua vida” (MF 179, 1).

O espírito de Jesus em nós significa o seguimento de Cristo aberto aos pobres. “Considerai-os como a imagem de Jesus Cristo e como os mais dispostos a receber em abundância seu Espírito. Quanto mais os amardes, tanto mais pertencereis a Jesus Cristo” (MF 173, 1). Cristo aberto aos pobres também significa Cristo atento às mulheres como pessoas fracas, tanto na ambiência bíblica como na época de La Salle, apesar de vários séculos de cristianismo.

Apesar de no contexto lassaliano não haver ocasiões ou pretextos para reivindicações feministas, tampouco podemos esquecer a presença de mulheres na vida do santo. A senhora de Guyon, Madame Maillifer, a Irmã Duval das Irmãs do Menino Jesus, e a própria Sórora Luísa de Parmênia. Como acolhemos nós, em nossas instituições, as alunas e as professoras? Também elas devem ser *tratadas com firmeza de pai e com ternura de mãe*.

Na meditação para a festa de São Francisco de Assis, em poucas linhas percebemos como o chamado clássico de encontrar a Deus através do seguimento de Cristo termina num encontro com os pobres. Muito concisamente, na meditação para a festa de São Cipriano, La Salle diz: “Quem se fez pobre para imitar a Cristo, ama também como Ele, os pobres de Deus (MF 166,2). O Irmão pode considerar o pobre como “sacramento” de Deus.

Evidentemente, dizer que os pobres são “sacramentos” ou “sacramentais” de Deus não significa que haja uma identificação ontológica entre eles e Jesus; significa, melhor, que os pobres lhe estão tão próximos que quando o seguimos a Ele não podemos deixar de encontrá-los. “Reconheçam a Jesus sob os farrapos dos meninos pobres que tendes de instruir: adorem-no neles” (MF 96, 3).

O chamado pessoal de seguir a Cristo, desta maneira, é algo muito distinto de um diálogo bilateral com Deus. O seguimento de Cristo cria como que um movimento trinitário intenso entre o Irmão, Jesus e os meninos (crianças) pobres. O amor do Irmão a seus alunos é sacramento do amor de Deus para eles. Seu relacionamento educacional o educa progressivamente para amar a Deus. Não anuncia a seus alunos o Evangelho do amor sem ser, ao mesmo tempo, *evangelizado por eles*.

Na dinâmica deste movimento, La Salle incita os Irmãos a se fazerem mais transparentes: “(Jesus Cristo) quer que vossos alunos vos considerem como a Ele próprio, e recebam vossos ensinamentos como dados por Ele próprio... Vossos alunos deveriam sentir que são carta por Ele ditada e escrita por vós todos os dias em seus corações” (MR 195, 2).

O seguimento de Cristo inicia com um chamado para encontrar a Deus, mas se materializa na preferência pelos pobres, na honra tributada a Jesus nos pobres, porque eles são sua imagem. Somente assim chegamos a fazer com que eles sejam capazes de encontrar Deus, capazes de eles também serem seus discípulos.

Por último, convém notar a mútua evangelização entre si a que os Irmãos são chamados para poderem converter em sequência a comunidade em fator evangelizador.¹⁷

¹⁷ A mútua evangelização dos Irmãos: MF 180, 1,2. A Comunidade como fator de evangelização: Regra de 200, N° 9, 23, 51.(?).



Confederação Latino-americana de Religiosos



RELAL

Región Latinoamericana Lasallista